

Apresentação

Existências que persistem e resistem

Nos anos 1960, uma geração de jovens se rebelou contra a unidimensionalidade da condição humana imposta pela sociedade capitalista – capacitar-se, trabalhar, produzir, acumular bens de consumo e expressar seu sucesso a partir dessa condição. Particularmente nos países centrais do capitalismo, em que o boom do crescimento econômico impulsionado pelos avanços tecnológicos seduziu as classes médias urbanas a ingressarem nessa espiral, a adequação das instituições de sociabilidade – família, escola, religião, meios de comunicação – a essa perspectiva parecia tornar realidade a distopia adorniana da “sociedade administrada” ou “sem oposição”.

A fragilidade desse modelo foi demonstrada pela visibilização dos seus sustentáculos: a riqueza do centro do capitalismo é sustentada pela brutal opressão e miserabilidade das periferias do sistema, que foi chamado em certo momento de “Terceiro Mundo”. Os gritos contra essa opressão vindos dos vietcongs em reação à brutalidade da Guerra do Vietnã, a revolução cubana em 1959 que transformou uma ilha que era um prostíbulo de *marines* dos Estados Unidos em uma sociedade socialista que durante muito tempo ostentou indicadores sociais superiores aos países centrais do capitalismo, as lutas pela independência nos países do continente africano e várias outras revoltas contra o imperialismo na América Latina, África e Oriente Médio deram a visibilidade de que a opulência era produto do sangue de pessoas.

Os jovens dos anos 1960 que protagonizaram a contracultura nos países centrais se solidarizaram com essas lutas e buscavam outras perspectivas de existência não unidimensional. Eles procuraram libertar as amarras da condição humana de um caminho único administrado pela sociedade capitalista expressando rebeldias no pensamento divergente, na arte e no ativismo.

Os momentos de escassez que sucederam esse período com a crise do capitalismo criaram uma base objetiva para uma restauração conservadora em que mecanismos institucionais e extrainstitucionais de opressão fossem aperfeiçoados e retomados. Nos dias de hoje, observa-se uma tendência a uma *fascistização* da política, um esvaziamento dos instrumentos dos arranjos institucionais da democracia liberal e um divórcio iminente destes com o modo de produção capitalista. Porém, as existências e resistências que levantaram a voz contra as opressões nos anos 1960 não se calaram. Os tempos são outros, mas a exploração, cerne do capitalismo, continua e se aperfeiçoa.

Os artigos neste dossiê expressam estudos realizados por pesquisadoras e pesquisadores do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc) sobre opressões, existências e resistências nesse terceiro milênio no nosso continente. Se os tempos são distintos dos anos 1960, se os sonhos revolucionários estão mais opacos, as existências dos sujeitos das periferias permanecem e incomodam em um momento em que suas demandas encontram dificuldades de serem mediadas

por arranjos institucionais democráticos que se esvaziaram. As existências canalizam suas potencialidades para diversas formas de resistências complexificando o quadro das contradições com os mecanismos de opressão. É esse o tema desta edição especial da Extraprensa.

Os textos aqui publicados foram apresentados e debatidos em um colóquio organizado pelo Celacc no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP) em 2019. Após o evento, autoras e autores revisaram os seus textos a partir das discussões realizadas naquele

momento e, agora, compartilham aqui com a comunidade acadêmica as suas reflexões. Esperamos que os artigos apresentados sejam instigadores de novos pensamentos, contribuindo para o conhecimento e a transformação – objetivo do Celacc e da revista Extraprensa.

Boa leitura.

Prof. Dr. Dennis De Oliveira
Editor da Extraprensa e Coordenador do
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre
Cultura e Comunicação da Universidade
de São Paulo (Celacc/USP)